

A CRISE NAS IGREJAS TRADICIONAIS E O SACERDÓCIO

Ao lançarmos um olhar analítico sobre as Igrejas Tradicionais e aqui, referimo-nos às Igrejas Basilares e as que delas derivaram, facilmente veremos que no século passado, essas Igrejas passaram por movimentos cíclicos, em relação ao sacerdócio: diminuição do número de sacerdotes e aumento do número de sacerdotes seguido por outra diminuição. É bom que fique claro que, em nossa mente, poderíamos comparar tal movimento ao gráfico de uma senóide (é o gráfico que obtemos ao olharmos a corrente alternada da tomada de uma casa, seja em 110 ou 220 volts, o gráfico é o mesmo; somente muda o valor máximo e mínimo); isto é, num período de tempo ele alterna entre crescimento suave até o máximo e depois vem uma diminuição suave até um mínimo, voltando a crescer e assim sucessivamente. No caso da corrente alternada da tomada, o máximo é um número positivo (só para imaginar, digamos que seja +110) e mínimo será um número negativo de igual intensidade (-110). Se medirmos esse crescimento até um máximo positivo e depois redução até o mínimo, num período de um segundo, verificaremos que o ciclo se repete 60 vezes. .

É claro que, em se tratando de pessoas, o período não será tão curto como o elétrico e podemos considerar que será em função de movimentos internos e externos (logo veremos que são guerras internas, externas, pressões sociais etc); também o mínimo de sacerdotes não pode ser um número negativo, o limite mínimo seria “zero pessoa”.

Para má sorte das Igrejas, houve comunidades com “zero sacerdote” durante muitos anos e a administração central (Papado do Vaticano ou Patriarcado de Antioquia, por exemplo) foi obrigada a fechar a igreja local e juntar o que sobrara da comunidade laica a outra comunidade de outro local onde havia sacerdote (em administração eclesiástica, diz-se: outra freguesia)

Olhando alguns continentes: Europa, América, Ásia e África, no correr da última metade do século XIX passando por todo o século XX e adentrando por esse primeiro quartel inacabado do século XXI, teremos a mesma imagem, porém, com causas diferentes

Ao traçarmos as imagens (gráficos da alternância) veremos que a partir de meados do século XIX, em todos os continentes citados, houve decréscimo do número de sacerdotes nas Igrejas Basilares (Antioquia, Alexandria, Roma e Constantinopla), chegando o mínimo a zero ou muito perto de zero com a 1ª Guerra Mundial (1.914 - 1.918). Após a 1ª Guerra Mundial, houve um período de incremento com seu auge por volta de 1.930 e depois um decréscimo, com um mínimo durante a 2ª Guerra Mundial (1.939 - 1.945). Por volta de 1.960 as Igrejas passam por um novo incremento com auge por volta de 1.980 e depois há um movimento contrário, isto é, decréscimo que segue até nossos dias.

Por que esse vai-e-vem?

As causas iniciais são diferentes; no Oriente e no Ocidente. .

No Ocidente (Europa e América), em meados do século XIX, há um incremento nas ciências ditas positivistas (física, química, biologia etc) e isso leva o ser humano a duvidar cada vez mais do conhecimento filosófico da época que vinha, desde o Renascimento e o Barroco (séculos XII e XVI). As ciências positivistas falam de causa e conseqüência e isso o ser humano com pouca instrução consegue entender; a filosofia neo-escolástica e neo-platoniana fala de conceitos que o ser humano médio, de pouca instrução não atina. O sacerdócio ocidental tem por base essas duas escolas: neo-escolástica e neo-platoniana. .

Já no Oriente, há um recrudescimento do islão, a partir do século XI com os Otomanos que invadem todo o nosso oriente (vindos do Turquemenistão na Ásia Central e Ásia Mongólica), atingem a Pérsia, a Mesopotâmia, a Síria e Líbano, a Anatólia (Cilícia) e acabam por tomar o Império Bizantino; continuam avançando em direção à Europa e só começam a retroceder após a primeira derrota no século XVII, a poucos quilômetros de Viena. Com esses otomanos o Oriente sofre, pois, há uma perseguição sistemática de limpeza religiosa; somente são admitidas pregações do islão e qualquer conversão do islão ao cristianismo é julgada como traição ao deus do islão denominado Alá, e o convertido e sua família serão punidos e se não retrocederem ao islão rapidamente, serão mortos. Há uma perseguição à filosofia de vida sedentária (cristianismo), o povo é obrigado a viver uma filosofia de vida nômade (islamismo) e com isso há uma diminuição no número de pessoas com vocação que se apresentam ao sacerdócio seu exílio e remetidos de volta a Judá. Após 70 anos de

A CRISE NAS IGREJAS TRADICIONAIS E O SACERDÓCIO

cativeiro sob um governo teocrático, os judeus que retornaram tomaram o modelo de governo teocrático dos caldeus como o sistema de governo correto e reconstruíram seu reinado como um governo teocrático onde os sacerdotes e o templo governavam.

A partir do século XIX, são necessários quase 50 anos para que a Igreja Ocidental (Romana) se adapte aos “novos tempos” e perceba que as ciências positivistas são decorrência da escola neo-escolástica e que ela, a Igreja, poderá contribuir com conhecimento não sistematizado das ciências positivistas. Há então um incremento no número de sacerdotes que vai até a 1ª Guerra Mundial. Exemplo típico é padre Teillard de Chardin que era sacerdote jesuíta que também estudou biologia e se torna um paleontólogo importante por trabalhar com os fósseis do Homo Erectus Pekinensis¹. Assim como todos os sacerdotes da Igreja Romana (conhecida no Brasil como “Católica”), Teillard de Chardin deve ser celibatário (renunciar ao sacramento do matrimônio) e isso torna o crescimento do número de sacerdotes, muito difícil. .

No Oriente, por outro lado, a cada 20 ou 30 anos há uma perseguição sistemática dos cristãos pelos maometanos, isto é, pelos islâmicos. Existe, porém, uma diferença em relação ao ocidente; desde antes de Cristo, o sacerdócio, no Oriente, tem duas vertentes: os sacerdotes celibatários e os casados, afinal, o matrimônio é também um sacramento. Com o matrimônio, apesar das perseguições, aumenta o número de pessoas que “entram” no sacerdócio. Esse movimento de sacerdotes casados deve ser estudado em maior profundidade para que as Igrejas consigam entender o que ocorre e dele se aproveitarem. .

Ao tomarmos por base somente a situação do povo de fé siríaca ortodoxa, verificamos que antes do Genocídio, do Sáifo (1915-1918 e prolongamentos até 1925), a sociedade siríaca, era em sua maior parte uma sociedade rural. Em cada aldeia, vilarejo ou cidade onde havia a estrutura básica da Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia, isto é: sacerdote e diáconos, os diáconos mais novos eram treinados pelo sacerdote ou pelos diáconos de maior idade, aprendendo os rituais, os cânticos e até as liturgias. Ao mesmo tempo, o sacerdote era um homem casado e sua esposa respeitava e se enquadrava nas funções propostas pela Igreja, conforme ditadas pelos Cânones da Igreja, funções essas estruturadas no cristianismo e cristalizadas inicialmente, no Didascália².

O sacerdote, sempre deveria ser um homem com idade igual ou superior a 40 anos que tivesse passado pelo crivo do bispo local; isso significava que antes de ser ordenado sacerdote, antes da cerimônia de *Imposição de Mãos*, precisava passar por um período de 40 dias no mosteiro que era uma escola³, em seguida, haveria um estágio rápido em que auxiliava o bispo nas cerimônias e rituais e também o acompanhava nalgumas visitas a outras localidades. Enquanto isso, o bispo analisava essa pessoa, seu conhecimento, desempenho e perfil e conforme o parecer do bispo, se ele fosse aprovado, seria ordenado pelo bispo local e desde então, apto a exercer o ofício de sacerdote, para a mesma freguesia onde ele era diácono.

É este ponto que precisa ser esclarecido e deve retornar ao padrão das Igrejas Basilares: “quais os requisitos básicos para um homem casado ser elevado à hierarquia de sacerdote?”

Apesar da necessidade premente da Igreja por sacerdotes, nada adiantará se ela ordenar jovens sem experiência para as diversas cidades, no mundo moderno. A Igreja precisa então, tomar diversas atitudes:-

- 1) Preparar intelectualmente e culturalmente o jovem para harmonizar os conhecimentos propostos pela ciência moderna com a parte espiritual e a ciência cristã tradicional.
- 2) Entender que a cultura é um processo contínuo numa sociedade viva e dependente da experiência de vida das pessoas de uma comunidade (ou do povo).
- 3) Escolher a pessoa adequada, moralmente, para o ofício de sacerdote fora do mosteiro, isto é, nas igrejas das comunidades laicas.

Os dois primeiros itens dependem da estrutura que a Igreja possui (bispo, outros sacerdotes nos mosteiros / universidades) bem como do treinamento pelo qual deve passar o futuro sacerdote e isso pode ser preparado com tempo e disposição dos superiores.

O terceiro item é o mais delicado.

A CRISE NAS IGREJAS TRADICIONAIS E O SACERDÓCIO

Primeiramente é preciso analisar a vocação ao sacerdócio; não adianta ser um bom diácono e não ter vocação ao sacerdócio. Quem descobrirá isso será o bispo local. Não adianta a comunidade exigir que o fulano seja ordenado se ele não possuir vocação

Depois vem o problema da cônica ou estipêndio. O padre, mesmo casado, não recebe um salário fixo e nem possui os benefícios que a lei trabalhista de um país poderia exigir que um “patrão pagasse ou oferecesse ao empregado”. Sacerdócio não é emprego, é vocação. Essa vocação faz com que o indivíduo faça todos os sacrifícios para propagar o cristianismo pela sua comunidade; isso quer dizer que não terá salário, aposentadoria, seguro saúde ou qualquer benefício adicional; viverá de doações da comunidade. A doação ao sacerdote, em português, chama-se cônica ou estipêndio sacerdotal. Então, de que vive o sacerdote?

Isso nos traz a outro problema que não foi levantado ostensivamente.

Em verdade, quando dissemos que deveria ter idade superior a 40 anos é porque tomamos por base que até o início do século XX, no oriente, um homem casava ao chegar à puberdade, entre 13 e 15 anos e com 40 anos ou um pouco mais, seus filhos já estavam criados e casados, com isso, praticamente, aos 40 anos, esse homem já não tinha responsabilidade de criação e manutenção dos filhos, sua responsabilidade era para com sua esposa e seus pais unicamente; além disso, não se lhe apresentavam problemas de moradia (por exemplo: aluguel de imóvel) ou alimentação ou vestimenta etc; ele morava em sua chácara, plantava e colhia o que Deus lhe permitisse. Toda essa conversa traz à mente a figura do homem totalmente independente que não está preocupado com a própria prole, não está preocupado com o seu pão de amanhã, com a vestimenta ou com a moradia e pode dedicar-se à comunidade e a seus afazeres cotidianos (chácara, por exemplo, estudos litúrgicos, estudos intelectuais etc).

Finalmente, como diácono daquela congregação, ele é conhecedor das famílias da congregação, dos problemas da congregação e teria como auxiliá-la, de todas as formas, e se necessário fosse, consultar seu bispo a respeito. Ainda como diácono experiente, ele conhece os rituais, liturgia e cânticos.

Essa é a figura do sacerdote casado.

Essa figura deve ser adaptada ao mundo moderno; assim, o diácono local que tivesse, principalmente, porém não unicamente, conhecimento dos rituais, melodias, cultura da Igreja e vocação ao sacerdócio, somente deverá ser ordenado sacerdote quando seus filhos já fossem “criados”, já fossem formados para a vida, trabalhassem e até talvez, casados. Outra opção seria a de que no mundo moderno, ele teria um emprego ou fosse “liberal autônomo” o que lhe garantiria um rendimento mensal. Ele poderia ser ainda uma pessoa aposentada, teria onde morar; teria uma renda que lhe permitiria sustentar-se e não teria preocupação em criar filhos e sustentá-los. Assim, a sua congregação, a sua igreja somente deveria contribuir talvez com o estipêndio e “ele não seria um peso” para a comunidade.

Observações:

¹ Bezerra, Ada A.C. e Santos, Milton C.C. **A DICOTOMIA ONTOLÓGICA: FÉ E CIÊNCIA NA HERMENÊUTICA TEILHARDIANA**. Laranjeiras. Sergipe, 2010 in: http://educonse.com.br/2010/eixo_07/e7-01.pdf - acesso em 24 de julho de 2018.

² **A Mulher e a Igreja de Antioquia** in **Suryoye** nrs. 69, 70 & 71 (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye69.pdf>); (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye70.pdf>); (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye71.pdf>)

acesso em 24 de julho de 2018

³ **Mosteiro de São Gabriel – uma Universidade do Saber** in **Suryoye** nr. 36. São Paulo. Brasil. (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye36.pdf>)

acesso em 24 de julho de 2018 Antigo Testamento, Gênesis, capítulos 5 até 9

Palavras da Bíblia

Livra da espada suas bocas e da mão do forte o necessitado e se torna esperança para o pobre; e tapa a sua boca o iníquo.

Bem-aventurado é o homem a quem Deus repreende; e a correção do Todo-Poderoso não despreza. .

Livro de Jó - capítulo 5º

RITUALÍSTICA - A NOSSA MISSA

Uma das visões, e na maior parte das vezes não é clara, nem discutida de forma clara nos seminários onde se formam os padres é que a nossa missa originou-se a partir do crescimento da comunidade cristã, logo em seus primórdios, após o evento de Pentecostes.

Até o Pentecostes, primeiro Jesus ensinava a filosofia cristã, principalmente a forma de vida de um verdadeiro cristão, como Ele, Jesus Cristo, propunha; em seguida ensinava como se devia rezar e por fim, como proceder durante a oração. Após Sua morte na cruz e Ressurreição Gloriosa, continuou Ele entre os seus 12 discípulos ensinando-os por mais 50 dias. Há que se observar que nesta época, Judas Iscariotes, o traidor, já havia sido eliminado do meio deles e em seu lugar, havia sido agregado Marcos (nome original era **Yuhannon** que é em português: João). Quando Jesus ascendeu ao Seu Reino Eterno, também conhecido como Reino Celestial (em aramaico = **malêkútho daxmáíô**), Ele lhes deixara a instrução de pregarem a todos os povos Sua filosofia e enviou-lhes o Espírito Santo para que pudessem comunicar-se em qualquer língua onde estivessem.

É então que nasce a ritualística da missa, levando-se em conta que cada discípulo a tinha de forma um pouco diferente da forma como seu companheiro, outro discípulo apresentava. Basicamente, podia notar-se que uma aparentava a outra em sua maior parte, contudo, as palavras diferiam e algumas partes eram reduzidas. Para não se perderem totalmente as diferentes maneiras rituais e, como em seu início todas eram realizadas basicamente em aramaico, a Igreja Siríaca de Antioquia reteve muitas dessas formas rituais que se chamam em aramaico "**Teksô dêQürvônô Qadixô**" ou seja: *Ordem da Oferenda Santa* [o leitor acostumado ao informe **Suryoye** notará que na transcrição usamos e abusamos da acentuação e isso o fazemos para que ele, o leitor, se quiser, possa pronunciar de forma correta o idioma siríaco, o aramaico; assim, usamos a "trema" sobre a vogal "e" para indicar que é quase imperceptível essa vogal, ela não existe realmente porém se faz necessária por causa da respiração de quem pronuncia; os demais acentos agem como em português].

Para que o leitor tenha noção do que foi apresentado no parágrafo acima, basta lembrar que a Igreja Siríaca pratica os rituais segundo S. Pedro, S. João, S. Tiago e outros. Muitas das liturgias foram estudadas, elaboradas e aprovadas pelos Pais da Igreja, seguindo o que os discípulos de Cristo ensinaram e até o século XIII já eram 86 liturgias.

As liturgias mais utilizadas pelos sacerdotes são as liturgias de: São Tiago, S. João Evangelista, Santo Inácio e S. Dionísio Bar-Salibi.

CULTURA ORIENTAL - OS VASILHAMES ORIENTAIS (2ª PARTE)

(continuação do nº 89)

No número passado de nosso informe (“**Suryoye**” nr. 89), deixamos 4 questões para serem pesquisadas e respondidas que diziam respeito à origem desses “Vasilhames Orientais” e interessavam-nos aqueles que possuíam inscrições escritas. Dizemos inscrições inscritas, pois vasilhames sem inscrição havia desde o início da civilização (por volta de 9.000 anos a.C.) e com inscrição que fosse gráfica (desenho) porém não fosse escrita, existiam um milênio após o início da civilização (por volta de 8.000 anos a.C.).

As primeiras manifestações escritas, decodificadas pelo ser humano, são de 4.500 a.C. (há entre os historiadores uma diferença de 1.000 anos devido a diferenças de datação do radiocarbono 14, aproximadamente 10 anos cumulativos a cada 100 anos e isso nos deixaria em 3.500 a.C.). Essas manifestações escritas são dos sumérios, porém, tal como os hieróglifos dos próprios sumérios que depois evoluíram para a escrita cuneiforme ou os outros antigos, como dos egípcios (esse povo ficou estagnado nos hieróglifos até a chegada do alfabeto grego), ambos, tanto os hieróglifos quanto o cuneiforme não eram manifestações caligráficas; o hieróglifo era pura imagem “fotográfica” e os cuneiformes evoluíram em ideogramas silábicos feitos com estiletos cuja ponta era uma cunha que escavava num tablete de argila e que depois de completamente escrito era cozido num forno. Os ideogramas cuneiformes não permitiam, devido ao próprio ferramental (estiletos), qualquer mudança artística.

As primeiras manifestações fonéticas, quase alfabéticas eram dos semitas que fizeram o cuneiforme evoluir em alfabeto (cada som tem um símbolo) e aí já estamos por volta do ano 1.500 a.C. Ainda assim, se retornarmos à tese de que os vasilhames com escrita fosse um desenvolvimento dos maometanos, na língua árabe, ainda teríamos um lapso de tempo de quase 2.200 anos entre o alfabeto e o islão. A não ser que se demonstre que a prática de vasilhames com caligrafia inscrita já existisse no oriente, nesses 2.200 anos e que o estilo da caligrafia maometana nos vasilhames fosse derivada dessa, ficaria claro então, que os maometanos seriam os pioneiros nessa arte. É isso que temos que demonstrar.

Para nos auxiliar, “chamamos” o testemunho abalizado dos diversos mestres nessa arte.

Claro que nada mais rápido do que uma pesquisa pelos museus que estudam essa arte de vasilhames e da caligrafia árabe. Um dos mais especializados, desde o final do século XVIII até nossos dias é o Metropolitan Art Museum (Museu Metropolitano de Arte) em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte, cuja sigla é MAM. Para facilitar a vida do estudante, o MAM possui um sítio na rede mundial (Internet) na divisão de estudos da caligrafia árabe¹. Resumiremos o estudo apresentado sobre o início do islão, somente para nos localizarmos na linha temporal. Entre o aparecimento de Maomé, seu assassinato por uma de suas esposas e o assassinato dos 4 califas seguintes, passaram-se 39 anos de conquistas, invasões, saques porém nada de arte com a central do governo principal localizada na Península Arábica (Meca e Medina). Depois o califa Muávia toma o poder e o transfere para Damasco na Síria: aparentemente a intenção era sair de uma região inculta para o centro da cultura. De lá ele se apodera dos diversos tesouros arquitetônicos dos não-árabes, principalmente dos judeus, como o 2º Templo (construído por volta de 400 a.C.) transformado no “Domo da Rocha” em Jerusalém e dos cristãos no resto do oriente médio; com o último tesouro tomado: a Igreja de S. João Batista do século IV, em Damasco, transformada na mesquita de Damasco (isso só aconteceu em 706)²; porém, nada de vasilhames com inscrições gráficas.

A bem da verdade, somente pelo final do 9º século começa a aparecer algo incipiente em talismãs com inscrições caligráficas sobre tecidos com textos diversos, entre eles do Corã.

As inscrições caligráficas em vasilhames somente começam a aparecer no islamismo na tradição xiita (os estudiosos europeus preferem a grafia: *shíita*) proveniente dos persas que estavam acostumados com os talismãs dos cristãos. Um exemplo típico é o talismã do período otomano (a partir do século XIV até o século XX)³.

Façamos uma pausa e vejamos o que conhecemos da história do Oriente. Estudando a história do Oriente, veremos que tanto os judeus quanto outros povos que lá apareceram, caíram sob a influência da arte e cultura Mesopotâmica e o grande desenvolvedor e transmissor dessa arte era o povo assírio, começando por rituais religiosos e seguindo até códigos jurídicos, literatura, arquitetura e outras formas de arte que influenciam a vida do ser humano, depois que ele passa do estágio nômade ao sedentário, tal como aconteceu com os árabes a partir do 5º califa, “al-Muávia”.

Na primeira etapa, dependendo do grau de instrução do povo, teremos um povo conquistador que olha com admiração as obras de arte do povo conquistado (por exemplo, os gregos sob o domínio de Alexandre que descrevem em numerosos volumes o conhecimento das ciências e artes dos egípcios, caldeus, assírios e outros povos) ou então, roubam os objetos de arte porque não há quem produza algo igual donde eles provém (tal como os árabes maometanos que saqueavam os países por onde passavam). São necessárias diversas gerações para conseguirem igualar-se aos povos conquistados e às vezes, dependendo da arte, não conseguirão isso; assim, podem então levar os artistas dos povos saqueados e conquistados, seus sábios e eles mesmos passam a atuar como propagadores daquele conhecimento (novamente, tal como os maometanos em relação à filosofia grega que levaram de volta à Europa, as traduções originais e estudos dos mesopotâmicos, escritos originalmente em aramaico e traduzidos pelos próprios mesopotâmicos ao árabe).

Olhando do ponto de vista prático, uma forma de arte deve ser estudada primeiramente em sua função prática; assim, para que serve, por exemplo, um saleiro de prata do século XVI, antes de ser uma obra de arte? (tomamos “emprestado” o exemplo fornecido por Jorge Coli)⁴. Em verdade, esse objeto possuía uma serventia prática: carregar sal; depois dever-se-á analisar os materiais de que é feito; (no nosso exemplo, o saleiro de prata) havia prata onde fora confeccionado? Também quanto ao trabalho; havia artesãos suficientes para confeccionarem diversos objetos ou esse seria um exemplar único, talvez fosse importado de outras regiões?

Isso deve ser feito com os vasilhames orientais, objetos de nossa atenção.

Então, analisaremos os seguintes aspectos:

- materiais- havia metal na península arábica? havia outros objetos idênticos ou análogos? possuíam alguma serventia prática?

- talento humano – a técnica de se fazerem vasilhames em metal era conhecida dos árabes? a técnica de se inscreverem dizeres em metais era conhecida dos árabes? a técnica da caligrafia era conhecida dos árabes? ou seriam todas essas técnicas importadas de outras regiões?

Se tudo fosse importado, qual a principal razão para que isso ocorresse?

Se realmente tudo fosse importado originalmente, quando, então, o povo em questão (o árabe) passou a produzir localmente com a técnica conhecida?

Houve alguma inovação na técnica ou continuou como era e o povo em questão apenas propagou os objetos construídos conforme técnicas e materiais importados?

Finalmente, se tudo era importado, donde era importado e qual a origem?

Essas são as perguntas que tentaremos responder para entendermos a arte dos vasilhames orientais.

Observações:

¹ https://www.metmuseum.org/toah/hd/tali/hd_tali.htm

² https://www.metmuseum.org/toah/hd/qura/hd_qura.htm

³ <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1984.504.2/>

⁴ Coli, Jorge. **O que é Arte**. Editora Brasiliense. São Paulo. SP. 1995.

Em 25 de outubro às 14 horas teremos o tradicional “Chá Beneficente” promovido pela Liga das Senhoras da Igreja Santa Maria.

A renda será revertida em prol das obras sociais da Igreja Santa Maria.

Os convites deverão ser adquiridos com as Senhoras da Liga.

Significado de Nome

O nome **Elias** é um nome composto por dois nomes de Deus, em aramaico. **El** e **Ia** (os professores das universidades européias preferem a grafia: **Yah**) A origem desses nomes vem da crença pré-cristã da Mesopotâmia, dos antigos assírios (ou acadianos) que acreditavam que nos céus havia um deus e na terra havia outro; um era **El** e o outro era **Ia**. Essa crença foi levada por outros povos que sofreram a influência da Mesopotâmia, como os amorreus, os cananeus, os ugaríticos etc e em diversas regiões da Síria foram descobertas tabuletas de argila com os nomes de **El** e de **Ia**.

Leitura recomendada: **1º Livro de Reis** - capítulos 18 e 21

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Pois o sal é indicador do amor de Deus para conosco. Está assim escrito “tanto amou Deus ao mundo que seu filho unigênito deu por ele” e “vós sois o sal da terra disse Cristo a seus discípulos”, e “todo sacrifício, no sal deverá ser salgado”...então faz-se necessário isso que no Corpo de Cristo, vivo e vivificador, seja colocado sal como paradigma do Seu amor, mais que os sacrifícios irracionais das leis de Moisés, os quais não possibilitavam o perdão aos que os ofereciam.

Carta do Patriarca João Bar Shushan (1064-1073) ao Patriarca Armênio Gregório II

[Extraído de “*Revue de L’Orient Chretien*”. — Vol. 17°. Paris. 1902]

Palavras da Bíblia

Portanto, meus amados irmãos, cada um de vós seja rápido para ouvir e tardio para falar e tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus.

Por isso, afastai de vós toda a imundícia e a maldade e com mansidão recebei a palavra plantada em nossa natureza, a qual poderá salvar as vossas almas.

Carta de S. Tiago - capítulo 1º

ORAÇÃO INICIAL

têlotho dilôfôthô tôvâ
alóhô men barnôxô
bíáumô rávô daqíômêtho
haimônúthô mên náfêxo
uaxêrôthô mên lexônô
uqadixúthô mên pághrô
halelúia
xarár lan batêlotháihên
iexú@ porúqê dēólmô.

لُكْبِلًا وَتُكْبِلًا لُجَبًا:
أَلَهُ مَا مَعَهُ كَيْفًا.
حَتْمًا وَجِبًا وَمُعْبَلًا.
بِأَسْمَاءِ مَا مَعَهُ تَجْعَلًا:
وَمَعْنًا مَا مَعَهُ كَيْفًا:
وَمَبْعُولًا مَا مَعَهُ قَيْفًا:
بِأَلْكَمَا.
فَبِزَكَاةٍ كَلِّمْنَا نَبِيَّكَ:
نَعْمًا فَبِزَكَاةٍ وَحُكْمًا.

أنا صعب مع صلاتك وصلواتنا وبحقنا وبحبنا لله وسلامنا لا نرى معصيا - ملا دهتورنر فالاوه لانتحه -
مهلحلا وح ححنا ووزنا ووزنا افنمر ههوسلا. هه حنبا. انوي م *

تلك من الهدايا حاصلا

فَبِزَكَاةٍ مَعَهُ نَبِيَّكَ فَبِزَكَاةٍ: هَمَّ أَبًا وَحَمْنًا حَمْمَجِبًا. هَبْهُوَ حَمْمَجِبًا هَجَبًا. هَجَلًا نَعْمَةً
فَبِزَكَاةٍ *

هُدَاةً هَبَّ حَجَبًا وَنَعْمَةً هَبَّ أَلَهُ: هَمَّ وَهَبًا وَنَعْمًا لَا نَعْلًا *

مع صلاتك وهداياك وسلامك

ܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ

ܡܘܟܣܐ ܐܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ. ܡܘܟܣܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ. ܡܘܟܣܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ. ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ. ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ

ܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ

Revue de L' Orient Chrétien.

ܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ

ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ
 ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ

ܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ ܕܩܘܪܝܢܐ